

## Estratégias de circulação: artistas, obras e imagens entre trânsitos e intercâmbios

Maria de Fátima Morethy Couto<sup>1</sup>

A ideia deste dossiê surgiu a partir da leitura de um dos artigos aqui traduzidos: *A internacionalização da pintura vanguardista, de Courbet a Picasso: uma transferência cultural e seus quiproquós*, de Béatrice Joyeux-Prunel, professora da Escola Normal Superior (França). Nele, a autora discute as estratégias criadas e/ou utilizadas pelos artistas da vanguarda parisiense do início do século XX para expor e vender seu trabalho no exterior e defende a hipótese de que a produção e venda de obras menos ousadas no exterior (incluindo-se aqui capitais europeias de menor tradição artística) permitiu a continuidade das pesquisas e experimentações desses artistas em Paris. Servindo-se de diversas fontes e estabelecendo nexos e tramas inusitados, Béatrice revela as ambiguidades das vanguardas e questiona o mito da arte moderna, conferindo novos sentidos às observações de Antoine Compagnon, em *Os cinco paradoxos da modernidade*:

Não sejamos tentados pela miragem da síntese; mantenhamos as contradições, por natureza insolúveis; evitemos reduzir o equívoco próprio ao novo, como valor fundamental da época moderna. (...) Em vez dessas pseudo-reviravoltas ou dessa galeria de figuras exemplares, deveríamos fazer uma história paradoxal da tradição moderna, concebida como uma narrativa esburacada, uma crônica intermitente. (Compagnon, 1999: 58)

Quando da leitura do artigo de Joyeux-Prunel, que vim a conhecer posteriormente, encontrava-me no exterior, realizando pesquisa de pós-doutorado na University of the Arts, em Londres, com bolsa FAPESP, sobre a passagem de artistas ligados à arte construtiva/cinética oriundos da América do Sul, em especial Lygia Clark, Hélio Oiticica, Jesús Rafael Soto, Carlos Cruz-Diez, Julio Le Parc e Sérgio Camargo em Londres e Paris, durante as décadas de 1950/70.<sup>2</sup> Concentrando-me na recepção de seus trabalhos pela crítica europeia e nos comentários provocados pelas exposições das quais participei, pretendia avaliar o impacto dessa produção naquele contexto e

---

<sup>1</sup> Professora Livre-Docente do Instituto de Artes da Unicamp. Autora do livro *Por uma vanguarda nacional. A crítica brasileira em busca de uma identidade artística – 1940/1960* (Ed. Unicamp, 2004) e co-autora/organizadora dos livros *ABC daire Cézanne* (Flammarion, 1995), *Instituições da Arte* (Zouk, 2012) e *Espaços da arte contemporânea* (Alameda, 2013).

<sup>2</sup> A pesquisa foi desenvolvida de outubro de 2014 a setembro de 2015. A esse respeito, remeto a dois artigos de minha autoria publicados sobre o tema: "Between Paris and London: contacts and exchanges of South American artists in Europe (1950-1970)", *Art@sBulletin*, vol. 5, Issue 1 (Spring 2016) e "É proibido não participar: artistas sul-americanos na Europa e a difusão do cinetismo", *Ars*, vol. 14, nº 17, 2016.

naquele momento e evidenciar as interseções entre artistas, marchands e críticos, de dois hemisférios distintos, que fizeram com que não apenas Paris mas também Londres se transformassem em espaços receptivos a uma certa arte latino-americana.

Meu objeto de pesquisa tratava essencialmente da circulação dos artistas sul-americanos na Europa e da recepção de seu trabalho no cenário de então, o que também me incentivou a organizar um dossiê sobre este tema. Na Inglaterra, confirmei a importância da ação de certos agentes culturais, como Guy Brett, os quais foram capazes de dar visibilidade, ainda que parcial, aos trabalhos de artistas sul-americanos, sem recorrer a estereótipos ou visões pré-concebidas. No campo da poesia (e mesmo das artes visuais), um dos nomes que se destaca nesse contexto é o de Stephen Bann, e considerei bastante oportuna a possibilidade de incluir neste dossiê a tradução de entrevista realizada recentemente por Gustavo GrandalMontero, na qual Bann tece uma série de comentários sobre a difusão da poesia concreta no Reino Unido e evoca a importância do grupo *Noigrandes*. Viviane Carvalho da Anunciação, que hoje atua como docente do Centro de Estudos Latino Americano da Universidade de Cambridge, debruça-se, por sua vez, sobre a recepção da poesia concreta brasileira no Reino Unido, focando-se na correspondência entre poetas concretos brasileiros e britânicos.

Um dos livros que se tornou referência para meu estudo de pós-doutorado, *Argentinos de Paris. Arte y viajes culturales durante los años sesenta*, foi escrito por Isabel Plante, pesquisadora do Conicet (Argentina) que há muito se dedica ao tema. Para este dossiê, Isabel contribui com artigo inédito, em que discute os cartazes produzidos pelo Ateliê Popular durante os protestos de maio de 1968 na França, detendo-se em especial naqueles realizados por argentinos. Seu texto dialoga de modo direto com o artigo do grupo TranshisTor(ia), formado pelos pesquisadores colombianos Maria Sol Barón y Camilo Ordóñez. Centrando-se no trabalho do grupo *Taller 4 Rojo*, Maria Sol e Camilo analisam o poder político de ações de coletivos de artistas bem com seus horizontes de circulação para além do campo das instituições legitimadoras da arte. No caso do *Taller 4 Rojo*, sua produção concentrou-se em imagens gráficas, cartazes e fotomontagens de forte conteúdo político e que visavam atingir um público maior do que o de “consumidores e apreciadores” de arte.

A partir de outra perspectiva, também Ana Cavalcanti (UFRJ) aborda, em seu artigo, a problemática da produção e circulação de imagens de arte para um público mais amplo e sua difusão ao longo do tempo. Se os cartazes do Ateliê popular e o trabalho do *Taller 4 Rojo* tiveram maior impacto no momento de sua produção, de forte tensão política, as imagens do Rio de Janeiro criadas por Jean-Baptiste Debret e por Augusto Malta com objetivos

precisos não cessaram de ser rerepresentadas e reinterpretadas, em novas exposições, publicações e pesquisas. Na opinião da autora, “tanto as aquarelas de Debret quanto as fotografias de Malta estão mais vivas do que nunca”, em função das diversas ressignificações que sofreram. A questão da ressignificação reaparece no texto de Fernanda Albertoni, em novo enfoque. Fernanda discorre sobre a apropriação de imagens fotográficas, de fontes diversas, pela artista brasileira Anna Bella Geiger em sua produção dos anos 1970 e reflete sobre a dinâmica das *imagens-memória* moldadas pela cultura de massa e sua participação da constituição do presente, do tempo do agora.

O papel do sistema de arte, de suas instituições, exposições, premiações e curadoria no reconhecimento dos artistas e na legitimação de sua produção é discutido, de modo diverso, no texto de minha autoria e nos artigos dos pesquisadores Dominique Lobstein, Renata Gomes Cardoso, Camila Bechelany e Michael Asbury. Enquanto Dominique e eu analisamos as repercussões de premiações obtidas por artistas estrangeiros em exposições realizadas nos centros hegemônicos de poder, Camila e Michael examinaram os efeitos da “globalização” no campo da arte e nas leituras produzidas nos centros hegemônicos sobre a arte produzida em outros lugares e contextos. Renata, por sua vez, percorre a trajetória da pintura *A Negra*, de Tarsila do Amaral (que foi comentada por Michael em seu texto), via exposições e textos críticos, desde sua criação, em 1923, até o momento em que foi adquirida pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1951. Sua hipótese é de que o impacto de *A negra* não foi imediato, a tela foi paulatinamente adquirindo importância no cenário brasileiro, até se tornar uma obra icônica de nosso modernismo.

O dossiê se inicia e se encerra com textos que abordam a circulação do conhecimento no campo da arte em tempos e contextos bastantes distintos. Ângela Brandão (UNIFESP) nos introduz no sistema de formação e atuação dos artífices e artesãos, examinando a importância da circulação do tratados arquitetônicos em Portugal e no Brasil colônia. Já Regina Melin (UDESC) nos lança uma questão precisa: como fazer circular as pesquisas realizadas na universidade? Que estratégias são passíveis de serem criadas para que textos, traduções e produções de diferentes ordens possam ser compartilhados em contextos acadêmicos e extra-acadêmicos?

O dossiê não privilegia recortes temporais ou geográficos, nem tampouco aportes teóricos definidos. Cada autor foi convidado a apresentar questões relacionadas à pesquisa que desenvolve atualmente ou que concluiu recentemente, em diferentes níveis (doutorado, pós-doutorado, edital, etc.). Conheci a todos, em diferentes situações, tempos e contextos, circulando – pelo mundo acadêmico, pelas salas de aula, por maravilhosas bibliotecas, pelos bastidores do Museu d’Orsay, pelos congressos ao redor do mundo,

pelas reuniões da CAPES. Espero reencontrá-los e poder compartilhar de novas descobertas e desafios.

Não poderia finalizar essa apresentação sem externar meus sinceros agradecimentos a Emerson Dionisio de Oliveira, pelo convite, a Fernanda Albertoni, pela tradução da entrevista de Stephen Bann e a Ana Cavalcanti e Renata Gomes Cardoso pela revisão da tradução que fiz dos dois artigos originalmente em francês. Aos autores, que aceitaram colaborar nessa empreitada, árdua mas prazerosa, envolvente e instigante, expressei meu profundo reconhecimento.